

AFROCENTRICIDADES: DESLOCAMENTOS PRESENTES EM *ENTREVISTA COM O VAMPIRO* (2022)

Allana Mayara Santos Castro¹

Lorena Natascha Angelim Mendes Batista²

Thaís Fernandes de Amorim³

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49163>

RESUMO: O presente trabalho tem como escopo comparar a atuação do personagem *Louis* na adaptação cinematográfica na série *Entrevista com o Vampiro* (JONES, 2022) e sua primeira aparição em Rice (1991). Para tanto, analisaremos aspectos que aproximam e afastam os personagens do texto de partida e o de chegada. Fundamentamo-nos em Carvalho (2006), Coutinho (1994) e para basear a coleta de dados foi escolhido os pressupostos de Gil (2002) em pesquisa qualitativa, para fins de comparação entre trechos da obra e cenas do seriado de televisão. A discussão acerca da forma contraposta intersemioticamente das cenas, seguiu-se o estudo de cinema e literatura feito por Cardoso (2013); como o protagonismo negro é promovido ativamente na série, sob a ótica da posição desse indivíduo como figura sobrenatural e narrador protagonista, agora, repaginado, analisando por qual motivo houve essa troca de etnicidade - a partir de Nascimento (2009) e Dutra (2017); além das contribuições teóricas de Sardenberg (2014), Bär (2005), dentre outros. Os resultados apontam que a reconstrução do personagem faz-se fundamental na contemporaneidade, principalmente por meio visuais e literários, sendo essas esferas midiáticas importantes para identificação e construção de identidade e protagonismo da negritude. Tal protagonismo fomenta a escuta e conscientização para os outros segmentos sociais, ampliando a visão de mundo do espectador-leitor. Essa repaginação dá lugar o ponto de vista do negro, a superação de estereótipos e empoderamento por intermédio da arte.

Palavras-chave: Afrocentricidade; literatura comparada; literatura vampiresca.

AFROCENTRICITY: DISPLACEMENTS PRESENT IN *INTERVIEW WITH THE VAMPIRE* (2022)

ABSTRACT: This paper aims to compare Louis performance in the film adaptation of the series *Interview with the Vampire* (JONES, 2022) and his first appearance in Rice (1991). To this end, we will analyze aspects that bring the characters closer and further apart from the source text and the target text.

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Voluntária na modalidade PIVIC. E-mail: allana.castro@discente.ufra.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2674-3980>.

² Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Voluntária na modalidade PIVIC. E-mail: lorenatbatista@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8950-9192>.

³ Professora Doutora na Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: thais.amorim@ufra.edu.br.

We took into Carvalho (2006), Coutinho (1994) and to base the data collection, Gil's (2002) assumptions were chosen in qualitative research, for the purpose of comparing excerpts from the work and scenes from the television series. The discussion about the intersemiotically contrasted form of the scenes shook the study of cinema and literature done by Cardoso (2013); how black protagonism is promoted in the series, from the perspective of the position of this individual as a supernatural figure and protagonist narrator, now revamped, analyzing why this change in ethnicity occurred - based on Nascimento (2009) and Dutra (2017); in addition to the Sardenberg (2014), Bär (2005), among others theoretical contributions. The results indicate that the description of the character is fundamental in contemporary times, mainly through visual and literary means, and these media spheres are important for the identification and construction of identity and black people protagonism. Such protagonism fosters listening and awareness for other social segments, expanding the worldview of the spectatorreader. This redesign gives way to the black point of view, overcoming stereotypes and empowerment through art.

Keywords: Afrocentricity; comparative literature; vampire literature.

Introdução

O livro *Entrevista com o vampiro* da escritora Anne Rice (1991), publicado em 1976, foi de certo revolucionário. Na obra, a autora explora temáticas intensas como identidade e humanidade, a partir de uma nova representação para vampiros na literatura: a narração da vida de Louis de Pointe du Lac: um vampiro sensível e questionador para com sua existência. A AMC (American Movie Classics) é um canal por assinatura que exibia filmes clássicos do cinema americano, mas em 2002 o canal adota o nome *AMC Networks* e passa a exibir e também produzir séries e documentários originais. A série “Entrevista com o Vampiro”, dirigida pelo produtor Mark Johnson (2022) é uma obra exibida pelo canal, inspirada no romance de Anne Rice (1991) de mesmo nome. A série busca mais proximidade ao texto original, comparada ao filme de mesmo nome de 1994, produzido por Neil Jordan. Porém, o seriado trouxe modificações consideráveis no personagem de Louis, que agora é um homem negro. Ademais, o presente trabalho tem como objetivo analisar a atualização da obra *Entrevista com o vampiro* e como questões de sexualidade e de raça, agora explícitas na série, favorecem a narrativa de Louis, trazendo mais dinâmica e intensidade para o desenvolvimento do protagonista bem como para com as suas relações.

Para tanto, o embasamento teórico utilizado pauta-se no ensaio de Bär (2005) que traz reflexões sobre o vampirismo e como ele é operado para representar ansiedades sociais, bem como seu significado cultural e suas conexões literárias; Cardoso (2013) que explora os contrapontos entre literatura e cinema e discorre sobre como as artes citadas se complementam estabelecendo um diálogo; Carvalho (2006) que apresenta diversos métodos de análise no que diz respeito a literatura comparada; Coutinho (1994) trabalhando também a literatura comparada e Dutra (2017) falando sobre a importância das releituras contemporâneas para uma educação antirracista a partir da análise de análise de contos de fadas modernos, aplicando a

nosso escopo como o fantástico pode ser repaginado ou adaptado quando temos o protagonismo negro em foco.

Desse modo, esta pesquisa destaca a importância da presença desses personagens negros em narrativas contemporâneas e a importância das releituras, beneficiando e auxiliando na formação de criticidade de quem irá consumir essa obra.

1. Literatura comparada e cinema

A literatura comparada é uma área de estudo que se consolidou ao longo do século XX. Trata-se de uma disciplina de análise que busca observar por meio de métodos específicos, - como a intertextualidade - as paridades e contraposições entre diferentes obras. Para tal, Carvalho (2006) postula que: “Essa capacidade de inverter o estabelecido, de instigar uma releitura, se dá graças à interação dialética e permanente que o presente mantém com o passado, renovando-o.” (Carvalho, 2006, p. 63).

Na contemporaneidade, a popularização de releituras raciais em narrativas faz-se presente aproximando a relação entre literatura e o cinema. É essencial para essas novas histórias o estudo comparado entre esses meios de comunicação e expressão, permitindo uma análise sobre narrativas diversificadas e suas releituras, pois essas obras adaptadas não só preservam a essência dos cânones como fomentam novas acepções, traduções.

Consequentemente, enriquece a conversação existente entre essas duas formas de arte, afinal, uma trás contribuição para a outra.

O cinema mostra-se como sendo o meio de arte e comunicação que busca na Literatura uma forma de aproximar o público do texto literário e das discussões presentes em obras clássicas, até então desconhecidas para os espectadores. Cardoso (2013) debruça-se sobre como essas duas formas de arte se tocam, já que ao lermos, instantaneamente criamos imagens mentais daquilo que está sendo descrito no texto e como essa leitura evoca no receptor a intertextualidade que detêm, ou seja, um acervo de textos que ele já teve contato. O cinema, portanto, converge com o texto literário, dando vida ao texto: “Com sua linguagem híbrida, o Cinema transforma o discurso – no caso, a obra literária – em imagens, som, movimento, luzes, e essa nova obra, independente, desvinculada do texto de origem, mas sem perdê-lo de vista, ganha autonomia e novos sentidos.” (Cardoso, 2013, p.3).

O autor segue fazendo uma crítica a essas adaptações, uma vez que elas nada mais são do que a visão de outras pessoas acerca do texto literário, logo, tomando o direito do leitor de imprimir seus sentidos à obra, tornando a experiência fragmentada. Ele salienta também que essa relação intersemiótica pode ser proveitosa, sim, pois como já argumentamos, pode incentivar o espectador a se transformar em leitor, criando um interesse pelo texto de origem. O autor argumenta: "Portanto, contrapor dialogicamente duas linguagens artísticas pode proporcionar o aprimoramento da sensibilidade estética e ampliar consideravelmente as dimensões da leitura." (Cardoso, 2013, p.3). O autor cita a Literatura Comparada como uma

área que se interessa por esses desdobramentos do texto literário em diversas artes, entendendo esses fenômenos como as múltiplas facetas da intersemiótica:

a literatura comparada participa, dos mecanismos da integração cultural quando, no processo dialógico, possibilita um maior e melhor entendimento do outro. Buscamos, entre os textos em contraponto e, por vezes, em confronto, mais as diferenças - estas inegavelmente mais interessantes - que as afinidades fácil e naturalmente detectáveis numa primeira leitura. (Cardoso, 2013, p. 4).

Tendo isso em vista, interessa-nos esse estudo, uma vez que, adaptado o texto literário para o cinema, é inevitável notar as mudanças, sejam nas normas sociais ou nas percepções culturais que passam por transfiguração ao longo do tempo. Pensando nisso, destacamos nesse artigo, uma adaptação moderna que busca reinterpretar o protagonista principal, agora negro, em um contexto não contemporâneo. Com pautas indispensáveis e atuais, oferecendo uma nova perspectiva para a história, para os personagens e para os temas inicialmente já abordados na obra literária. Por conseguinte, aproximamo-nos do nosso foco de análise a Literatura Vampiresca e a obra *Entrevista com o Vampiro* (1976).

2. *Entrevista com o vampiro* e a literatura vampiresca

Para Bär (2005), o vampirismo nunca sai de moda e em seu estudo “Vampirismo e a arte de ver a si próprio”, ele esmiúça as origens e vertentes que surgiram dessa figura lendária que assombrou o Velho e o Novo Mundo na Índia, Antiga Grécia e África. Há o desdobramento e características próprias para essa figura, que variam de acordo com quem as conta. A figura do vampiro nada mais é do que a sombra do que um dia ele fora em vida, com uma noção de moral e ética muito distantes do que tinha em sua vida humana, ou não, alimentando-se do sangue, energia vital ou até mesmo da própria alma para sobreviver.

A literatura vampiresca atribui à ciência um caráter dispensável. Armas não os matam, não há métodos científicos que expliquem os muitos corpos mortos sem sangue algum e o abandono do Misticismo e dos conhecimentos tidos como primitivos sobre essas criaturas torna-se uma fraqueza que o personagem de Bram Stoker, Drácula, da obra *Drácula* (1897), por exemplo, se aproveita. Mudando-se da Transilvânia para o Novo Mundo, cujo lugar está tão absorto e inebriado pelos muitos avanços tecnológicos para lembrar das antigas lendas, que ele pode se alimentar sem ser descoberto. O vampiro é uma figura que confronta e corrompe suas vítimas para conseguir seu alimento, sendo uma criatura obsessiva e intensa para com seus alvos. Tanto no âmbito emocional como sexual, ele é o tormento de sua vítima, que o repele, mas não consegue se afastar do toque mortal.

Todavia, os contos e histórias vampirescas sempre eram do ponto de vista da vítima, o protagonista que era corrompido pelas forças imensuráveis e desconhecidas, influenciado pelo vampiro inteiramente mal e com quase ou nenhuma justificativa ou explicação de quem ou o que ele era e o que o motivava. Mas e se a narrativa se invertesse? E se o vampiro pudesse tomar

o lugar do narrador, ou melhor, permitir ser entrevistado e indagado sobre sua vida e pós vida como vampiro? Assim, em 1976, é lançado o primeiro livro das Crônicas Vampirescas, por Anne Rice: *Entrevista com o vampiro* (1991).

Sardenberg (2014) analisa as muitas camadas e discussões que se abrem ao colocar o vampiro, figura estigmatizada pelas religiões e lendas, como um narrador em primeira pessoa, alguém que irá contar seu lado da história. O autor nos apresenta a motivação da criação desse livro pela autora, que tinha em si o desejo de dar voz às minorias, rechaçadas pela sociedade e oferecer-lhes uma visão diferente, uma outra perspectiva sobre a vida. Pela década em que foi lançado, podemos entender de onde veio esse desejo artístico:

Os movimentos de libertação que surgiram no momento pós-guerras enaltecem a importância de se aceitar a pluralidade, ao dar aos grupos que haviam sido mantidos à margem do poder hegemônico a chance de encontrar suas próprias vozes, (re)escrevendo a história com suas próprias palavras. Como resultado, temos um número significativo de obras focando em questões específicas que grupos como os afrodescendentes, as feministas e os homossexuais, por exemplo, enfrentavam. (Sardenberg, 2014, p. 250).

Entrevista com o vampiro e as *Crônicas vampirescas* tornam-se, então, um dos livros mais relevantes da Literatura Vampiresca, junto a *Drácula*, por ter uma narrativa diferenciada das outras, ao colocar o vampiro como protagonista de sua própria história, com motivações, receios e inquietações. A série de livros de Anne Rice influenciou uma leva de outros livros que compõem essa literatura, servindo como um marco e inspiração. O protagonista em questão, Louis de Point DuLac, conta sua história ao jornalista Daniel, que logo trata de rir com os preconceitos milenares que os humanos têm contra os vampiros: alho, crucifixos e água benta. Nada disso é uma fraqueza para eles, exceto a luz solar. Louis diferencia-se de seu criador, Lestat, por ter um apreço pela vida humana, sentimento esse que é seu tormento durante toda a narrativa:

Louis, por outro lado, sempre mostrou um “respeito profundo pela vida dos outros”, e, ao se tornar um vampiro, ser que, naturalmente, se alimenta da vida de outrem, ele precisou passar por sentimentos de negação, ódio de si mesmo, e um tormento que parecia interminável. Seu despertar para sua existência como vampiro pode ser visto em paralelo com experiências de grupos contrahegemônicos, como os homossexuais, que, similarmente, experienciaram grande conflito interno ao enfrentar sua verdadeira natureza, ao entender que sua realidade não mais podia ser medida de acordo com os padrões impostos. (Sardenberg, 2014, p. 244).

A homossexualidade e cenas homoeróticas estão presentes por toda a obra, a autora pouco importa-se em explicar de modo mais claro, compreendendo assim que é algo natural para aquela espécie. A relação entre Louis e seu criador é um dos focos narrativos do protagonista, contando toda sua trajetória até estar sentado na frente de seu entrevistador. A

obra literária teve uma adaptação cinematográfica em 1994, com direção de Neil Jordan e o roteiro por Anne Rice, ganhou o prêmio Saturno de Melhor Filme de Terror. Em 2022, ganha uma nova adaptação, dessa vez, sem formato de série produzida pela AMC, chamando a atenção pela escolha de atores para interpretar Louis (Jacob Andersen) e Cláudia (Bailey Bass), agora sendo personagens negros, irritando alguns fãs da série, já que esses dois personagens na obra literária são brancos e com contextos históricos um pouco distantes. Na próxima sessão, dialogaremos sobre o protagonismo negro e sua relevância na arte, narrativas e seu impacto na sociedade.

3. Afrocentricidade e protagonismo negro

Discorrer sobre afrocentricidade é falar também sobre protagonismo negro. Segundo Asante (2009), esta é uma abordagem epistemológica, uma forma de retomada econômica, cultural, lógica e histórica dos negros como atuantes e protagonistas em suas vivências, por conta da dispersão involuntária de suas terras, no período escravocrata. É perceber o negro como agente de sua própria cultura e narrativa. Neste sentido, compete a esta seção de análise, a identificação de indicativos de uma perspectiva afrocêntrica em voga, ora pelo léxico, ora pelo psicológico, ao observarmos se o sujeito se refere aos africanos como “eles” ou “nós”. Desse ponto de partida, é possível discernir de que local está vindo essa fala, abrindo espaço para dar vazão à ampla gama cultural que esse sujeito possui e assumir compromisso com ela. Asante (1980) fundou o termo Afrocentricidade ao publicar o livro *Afrocentricidade*, junto a mais duas obras *Ideia afrocêntrica* (1987) e *Kemete, afrocentricidade e conhecimento* (1990) em resposta a supremacia branca, ao afirmar que o negro tem seu espaço na história e em sua vida, como forma de reverter o racismo estrutural presente nas narrativas e mídias que consumimos quando nos vemos como parte da sociedade.

Dutra (2017), por exemplo, investiga o protagonismo negro nos contos de fadas modernos e seus devidos efeitos no leitor e pessoas não-negras, por meio de *Cinderela e o Rei* e *Rapunzel e o Quibungo*, releituras dos contos dos Irmãos Grimm. Sabe-se que as releituras são formas de renovar as estruturas da história, sem que ela perca sua essência e os contos de fadas, por serem narrativas orais, passam por diversas transformações dependendo de quem as conta. A partir de Coelho (2008), a autora define essas narrativas por meio do espírito solidário que o protagonista detém: uma pessoa comum que questiona a autoridade, equidade social, ou seja, uma ruptura com os arquétipos e estruturas na história que dividiram o mundo entre o “bem e o mal”.

Assim, entendemos que a literatura não serve apenas para entreter, quando possui o viés de ensino e modelação do modo de pensar de toda uma sociedade, bem como formar a identidade, a cultura e o olhar que esse sujeito terá. A forma como o negro foi caracterizado nas narrativas era degradante, servil e dócil, resquícios de uma forma de arte monopolizada pela branquitude ou indivíduos racistas:

[...] o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (Menino André, da lenda do menino do pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu – 1983), repercutindo ideias vinculadas, seja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento. (Debus, 2017, p. 39).

Dutra (2017) ressalta a Lei Federal nº 10.639/2003, que assegura que a história e a arte do povo africano devem ser abordadas e ensinadas em sala de aula, que ela esteja presente nos currículos escolares, estendendo-se a Literatura. A partir disso, a exaltação e valorização do sujeito negro faz-se presente na Arte, através da caracterização e a apreciação aos traços de pessoas negras, sua personalidade, agora não mais subserviente, forte, mas também sensível por muitas vezes, sem ser dócil ou submisso e orgulho de suas raízes e traços. Como postula a autora:

Assim, pensando nas características que são valorizadas nessas histórias contemporâneas torna-se possível problematizar as relações étnico-raciais e os padrões estabelecidos por uma cultura eurocêntrica. Fraturando a hegemonia das histórias que, muitas vezes, discriminam, desprezam e desvalorizam a cultura africana e afro-brasileira. (Dutra, 2017, p. 54)

O protagonismo negro e a afrocentricidade estão intimamente conectadas e se convergem nas narrativas modernas. O negro não é apenas um coadjuvante unidimensional ou utilizado como ferramenta para dar profundidade ao protagonista principal desses contos ou mídias, muitas vezes embranquecido. Como veremos na próxima sessão, o cinema e a literatura trabalham em conjunto para estabelecer comunicação e identificação com um público que há tempos foi estereotipado e marginalizado.

4. A reconfiguração racial na obra adaptada de 2022

Louis do texto literário é um senhor de engenho e vive no ano de 1791, filho mais velho de dois irmãos e herdeiro das terras e escravos que seu pai deixou na Louisiana. O conflito inicial dá-se após seu irmão mais novo ter um sonho profético e solicitar que Louis venda as terras na nova América e voltem para seu país de nascença, a França, alegando que um grande mal assolaria aquelas terras. Louis nega esse pedido, ocasionando o suicídio do seu irmão e o peso dessa morte o acompanha em toda a obra. É neste momento que o vampiro Lestat se aproveita desta melancolia para oferecer-lhe o dom das trevas, o vampirismo. Louis aceita, contudo, observa sua vida e todos que o conheciam o abandonarem diante de suas transformações. O vampiro de Louisiana então abandona seu lar junto a Lestat, estabelecendo-se em Nova Orleans. No entanto, a convivência, já desgastada, enfrenta ainda mais desafios e cria uma tensão entre os dois, pois Louis e Lestat tem concepções e valores morais diferentes

do que significa ser Para Lestat, ser vampiro é usufruir de todo o poder e luxo que o dom das trevas pode dar, desde assassinatos, a casas grandes, a luxúria, ou seja, prazer desmedido. Para Louis, alguém que foi marcado pelo luto e pela melancolia, não consegue aproveitar a imortalidade e não questioná-la. Não querer entender a causa da necessidade de matar, o hábito de dormir em caixões ou por que motivo Lestat é único vampiro que ele já conheceu, ou seja, Louis carece de explicações, ainda em sua vida imortal, não abandona seu modo de pensar e sentir humanos.

O Louis da série de 2022, vive no ano de 1910, mas em um ambiente diferente, em Storyville (um distrito de prostituição), pós abolição da escravatura. Agora negro, não herdou o ofício de senhor de engenho, mas consegue ter quase o mesmo prestígio e riqueza que os outros magnatas da cidade, ao assumir um emprego considerado à margem da sociedade: o de cafetão. Quando mencionamos o fato de ter quase o mesmo prestígio da nata de Saint Louis é porque sua profissão permite que ele sustente a vida que o pai deu à família, mas pela sua cor e ocupação é sempre alvo de chacota e nanoracismos.² É com o vampirismo que Louis tenta, sozinho, lutar contra aquela sociedade. Para ele, o vampirismo transforma-se em uma chance de lutar contra a sociedade que o oprime e essa luta o gera mais melancolia e dor, uma vez que não conseguiu superar o suicídio do irmão mais novo e o abandono da família. Para Louis do livro, o vampirismo surge como uma forma de superar a morte do irmão. Para ele, o sangue é vida, é o que move a vida após a morte dos vampiros, mas ainda não compreende quem é, de onde vem e para onde vai, questionamentos essencialmente humanos:

[...] doía-me saber que jamais descobriria o que aconteceu, que seu marido não tinha sido encontrado bêbado na estrada pelos ladrões [...] Mas sob tal pressão, meu encantamento se quebrava. Encarava o fato de me tornar um vampiro sob dois aspectos: o primeiro era mero encanto. Lestat me conquistou em meu leito de morte. Mas o outro aspecto era meu próprio desejo de autodestruição. Ansiava por ser intensamente amaldiçoado. Foi por esta porta que Lestat penetrou, em ambas as ocasiões. Naquele momento eu não destruía a mim mesmo, mas a outro. O capataz, sua mulher, sua família. (Rice, 1991, p. 15).

Em outro momento, há um excerto que Louis narra a discussão que teve com Lestat, que a todo momento tenta fazer com que abandone suas barreiras morais consideradas humanas e mude sua dieta, baseada em animais:

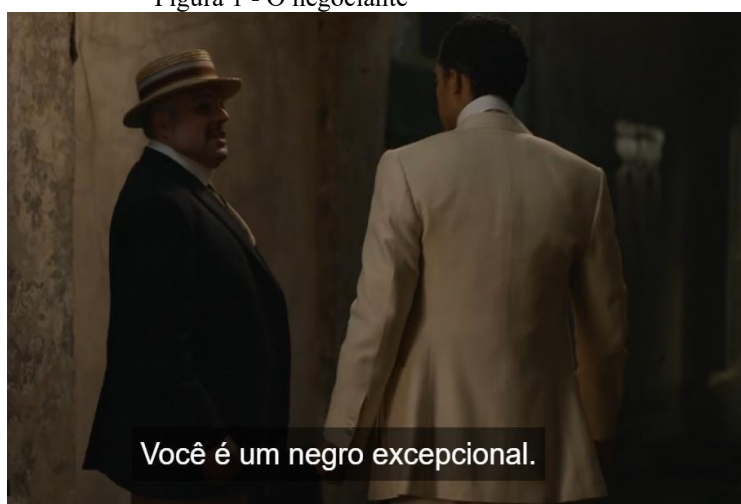
— Por que se tornou um vampiro? — falei sem pensar. — E por que se tornou um vampiro deste tipo? Vingativo, deliciando-se em tirar vidas humanas desnecessariamente. Esta moça... por que a matou quando uma só bastaria? [...]

2 Adotamos a concepção de Mbembe (2017), que aponta: “[...] entenda-se esta forma narcótica do preconceito em relação à cor expressa nos gestos anódinos do dia-a-dia, por isto ou por aquilo, aparentemente inconscientes, numa brincadeira, numa alusão ou numa insinuação, num lapso, numa anedota, num subentendido e, é preciso dizê-lo, numa maldade voluntária, numa intenção maldosa, num atropelo ou numa provocação deliberada, num desejo obscuro de estigmatizar e, sobretudo de violentar, ferir e humilhar, contaminar o que não é considerado como sendo dos nossos.” (Mbembe, 2017, p. 95)

— Sei muito bem disto! — eu disse. — Mas o que é esta nossa natureza? Se posso viver com o sangue dos animais, por que não posso me ater a eles, em lugar de correr o mundo espalhando a dor e a morte entre criaturas humanas? — Isto o faz feliz? — perguntou. — Perambulou pela noite, alimentando-se de ratos como um mendigo e, então, vislumbrou a janela de Babette, cheio de cuidados, mas tão inútil quanto a deusa que vinha à noite velar o sono de Edymion e não podia possuí-lo [...] morte. Compreende isto, Louis? Somente você, dentre todas as criaturas, é capaz de ver a morte deste modo impunemente. (Rice, 1991, p. 62).

Na série de 2022 temos essas questões, somadas as implicações de que é a segunda vez que ele concede a entrevista ao jornalista Daniel e mencionar o fato de sua família o culpar pela morte do irmão e o renegar duas vezes, agora tanto pelo ofício que desempenha e continua a expandir, quanto pelo envolvimento romântico com o homem estrangeiro francês, de modos ferinos, Lestat. Então o vampirismo oferece a Louis, em um primeiro momento, uma perspectiva nova para a situação que vivia, possibilitando ouvir o som singelo da respiração dos humanos ou a passivo-agressividade dirigida a ele por tantos anos, como podemos ver na cena abaixo:

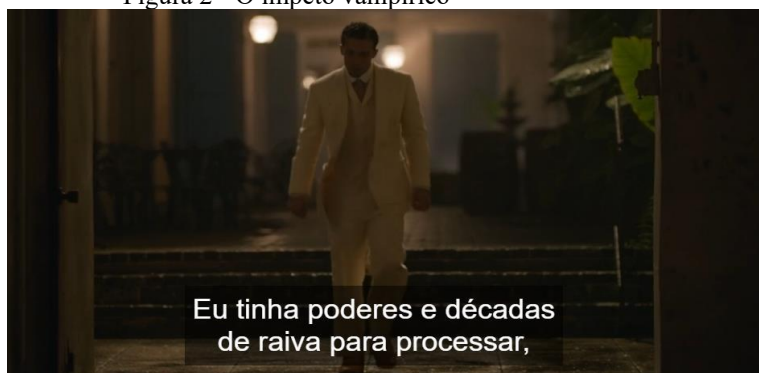
Figura 1 - O negociante



Fonte: ENTREVISTA COM O VAMPIRO, Temporada 1. Direção: Neil Jordan. Produção: Amazon Prime, 2022. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0IJQ2835R6JL66MRTBQAZSMFQJ/ref=atv_dp_share_cu_r. Acessado em 1 de fevereiro de 2025.

Percebemos que, na figura 1, há um racismo velado e durante a cena, o negociante faz vários “elogios” a Louis dessa forma. Compreendemos que ele não o enxerga como um empreendedor como os outros da cidade, diminuindo o protagonista e seu potencial. Essa forma de vê-lo é compartilhada por outros burgueses da cidade, que mesmo permitindo Louis em suas rodas de conversa e noites de pôquer, reduzem Louis a um simples “negro excepcional”, vedando qualquer oportunidade que ele possa ter para ganhar uma porcentagem maior de lucro de seus associados.

Figura 2 - O ímpeto vampírico



Fonte: ENTREVISTA COM O VAMPIRO, Temporada 1. Direção: Neil Jordan. Produção: Amazon Prime, 2022. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0IJQ2835R6JL66MRTBQAZSMFQJ/ref=atv_dp_share_cu_r. Acessado em 1 de fevereiro de 2025.

Observamos na figura 2 como o vampirismo oferece a Louis uma outra visão do dom das trevas e uma diferença singular em seu desenvolvimento e adaptação do personagem em relação a obra de 1976. Mesmo melancólico, percebe que sozinho não mudará a forma pela qual a sociedade Louisiana o enxerga. Em 2020, Louis possui o mesmo caráter sombrio e brando que tinha na obra, mas com alguns relances de sarcasmo e ironia, antecipando-se ao seu entrevistador, agora mais velho, que contesta grande parte da vivência narrada por Louis.

Uma das demonstrações de suas raízes negras na série, como é mostrado na imagem 3 a seguir, é durante o casamento da irmã Grace, que pede que Louis e seu irmão Paul dançam como costumavam dançar nos dias de igreja (o que parece ser uma mistura de ritmos entre o sapateado - muito comum na cultura de Louisiana naquele período, misturado ao que parece ser o juba dance³).

Figura 3 - A dança



Fonte: <https://pin.it/1i1BODMXv>. Acesso em 5 de fevereiro, 2025.

³ Segundo Guarienti e Fernandes (2018, p. 144-145) “O juba dance popular no Haiti, levada aos Estados Unidos pelo tráfico de escravos de povos provenientes do Benin, Haiti, Nigéria e Togo, é da nação de Djumba e cada passo e movimento corporal transmite religiosidade e fé, sendo também incorporada a momentos de celebração”.

A ideia de ser vampiro passa a ser um fardo para Louis, já que o vampiro é conhecido pelas lendas populares como diabólica e numa cidade protestante como a Louisiana, a estranha influência que o estrangeiro francês tinha sobre Louis, piora sua conexão familiar. O desentendimento de Louis e Lestat, torna-se ainda mais acalorado, uma vez que o relacionamento romântico entre criatura e criador é explícito, não do jeito convencional que conhecemos, mas apenas da forma que dois vampiros com contextos diferentes se amariam. Lestat, além de precisar matar para se saciar, gosta de estabelecer um vínculo de sedução com suas vítimas, mantendo um caso em específico de forma mais que casual. Louis o indaga sobre esse flerte, ao que o vampiro francês retruca que eles dois podem se relacionar fora da ligação entre os dois. Entretanto, quando Louis reencontra um velho amigo de infância, Lestat não se agrada e fica enciumado com a volta dessa pessoa na vida de Louis, agindo de forma passiva agressiva até o ponto em que demonstra sua irritação de maneira latente, abrindo espaço para que duLac também fale de suas insatisfações, como vemos na imagem 4 e 5:

Figuras 4 e 5 - o conflito



Fonte: ENTREVISTA COM O VAMPIRO, Temporada 1. Direção: Neil Jordan. Produção: Amazon Prime, 2022. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0IJQ2835R6JL66MRTBQAZSMFQJ/ref=atv_dp_share_cu_r. Acessado em 1 de fevereiro de 2025.

Posterior a esse momento, Louis retalia o vereador da cidade por ter tomado os principais negócios dele em Storyville ao ver o quanto ele está evoluindo e expandindo seus empreendimentos desde a chegada de Lestat, causando um efeito borboleta. Com os poucos negócios que lhe restaram, ele então decide proibir que pessoas brancas adentrem seus cabarés, permitindo apenas pessoas de cor. Essa atitude faz com que seus rivais queimem seus conjuntos habitacionais, ocasionando na morte de muitas pessoas negras que ali viviam.

Como forma de redimir-se, Louis resgata uma criança que estava entre os escombros: Cláudia, também reconfigurada como uma garota negra. Criando mais identificação coma menina a partir disso, Pointe duLac enxerga nela, assim como no livro, um substituto para o irmão, uma confidente, que partilha do mesmo sentimento dele de saber mais e descobrir o motivo de sua existência. Cláudia é um elo de ligação que o protagonista tem com o que ele poderia ter sido em vida, animando-o depois das tragédias anteriores.

Os acontecimentos que se sucedem na série mantêm a essência dos livros, ainda que mude ou ressignifique muitos momentos como a criação de Cláudia. No livro, o vampiro conta que Lestat a criou por vontade de mantê-lo por perto, mas na série, em outro momento é revelado na segunda temporada a lembrança de que na verdade fora ele quem implorou para que Lestat a criasse, como um modo de trazer cor e alegria a sua vida imortal deprimida. A memória falha de nosso vampiro entrevistado, que muitas vezes deixa-se levar pelas suas emoções, é confrontada diversas vezes por seu entrevistador e pelo próprio espectador. Esquecemos muitas vezes que essa narrativa é uma entrevista, portanto é o olhar dele acerca dos fatos históricos, suas relações e opiniões sobre o que vivenciou e conheceu.

Os personagens e a passagem de tempo fazem jus à veracidade histórica da época, posto que a segunda temporada se passa na Segunda Guerra Mundial, os personagens nesse cenário a todo momento questionam o motivo de duas pessoas negras perambularem sozinhas pela Europa em colapso. Louis e Cláudia são confrontados pelas lendas vampírescas que assolam a Europa e encontram juntos o primeiro vampiro, desde Lestat, entretanto muito diferente da espécie de vampiro que eles são.

O rompimento com seu criador é um ponto de partida para que ele viva uma vida diferente, nos dois universos ficcionais. Entretanto, as visões de seu criador o assombram, orbitando em sua volta, julgando-o. Lestat é um eterno lembrete do que Louis teve que sacrificar pela sua liberdade. Como os vampiros de Anne Rice possuem reflexo no espelho, podemos, em Bär (2005), conjecturar que Lestat representa esse espelho personificado das fantasias reprimidas, arrependimentos, sexualidade e fome de Louis, a morte de sua natureza vampírica sádica e voraz. Ao matá-lo, acredita poder se livrar do que o incomoda e o corrói. Lestat o assombra na obra literária de outras formas, em momentos de estresse ou de melancolia, de forma física e latente, perseguindo Louis e Cláudia no Velho Mundo:

— Afaste-se da janela. — Feche-a — disse para Cláudia. E ela obedeceu, como se a ordem repentina e clara a tivesse livrado de um paroxismo de medo. — E acenda a outra lâmpada, agora, rápido. Ouvi-a gritar ao riscar o fósforo. Lestat entrava no saguão. [...] Era Lestat, sem dúvida, restabelecido e intacto parado na soleira, a cabeça inclinada para a frente, os olhos injetados como se estivesse bêbado e precisasse de apoio para não cair esticado no chão. Sua pele era um monte de cicatrizes, uma horrenda capa para a carne ferida, como se cada ruga de sua "morte" tivesse deixado uma marca. Estava seco e marcado como se atingido por socos aleatórios de um ferro em brasa, e seus olhos outrora cinzentos e claros estavam cobertos de vasos arrebentados. (Rice, 1991, p. 112).

O teatro dos vampiros parisiense não lhe é atrativo, como no livro, preferindo a vida solitária, atraindo a ira da seita dos vampiros. Uma sucessão de tragédias comuns no livro acontece, a morte de Cláudia pela seita, orquestrada por Armand, o criador do Teatro dos Vampiros, fato este ocultado na série, usado como recurso narrativo para a reviravolta desse vampiro mais antigo, a primeira vista tão inofensivo para Pointe duLac. Tal manobra é muito bem salientada por Eisenstein (2021): “Ao longo desta teórica manobra de aproximação para

tirar a limpo aquilo que a teoria da arte [...] esconde no fundo do coração, a bela desconhecida revela os seus segredos mas a coberto de sete véus.” (Eisenstein, 2021, p.54).

Seu relacionamento com o vampiro Armand finda com esse segredo, perdendo os valores que havia se agarrado até então, como aborda Sardenberg (2014, p. 249): “Assim, Louis perde toda sua capacidade de amar para sempre. Foi muito tempo depois de ter se vingado da morte de Cláudia que Louis aprendeu a matar sem sentir-se culpado”. Como apontado por Cardoso:

O cinema reflexivamente pode veicular ou propor um processo ideológico, pode enveredar para o filosófico, ou para o poético. A diferença primordial é que, enquanto a literatura lida com recursos imagéticos subjetivos, dependendo do potencial imaginativo do autor e do leitor, o cinema, no imediatismo que lhe é peculiar, traduz essas palavras em imagens. (Cardoso, 2013, p. 8).

Na obra literária, Louis volta até Louisiana apenas para recusar Lestat mais uma vez e na série, Louis o perdoa. O perdão advém do fato de que Lestat tentou salvá-los com mais afinco da tortura de Armand do que no livro. Eles compartilham de forma mais intensa a perda da filha, a dor da separação e de anos de rancor. Aqui temos um ponto final na história de Louis e a série acaba, com o livro *Entrevista com o vampiro* sendo lançado no universo do seriado. Cláudia é um eterno fantasma para Louis e um lembrete de como viver em comunhão com outros vampiros não fazia parte de sua natureza, um eterno arrependimento que o corrói e o afasta da Europa. Europa essa, que segundo Louis, foi a única terra que não o olhava com estranheza, mas agora é mais um alvo de sua repulsa.

Então, em que medida essa troca de etnia impacta na obra? A resposta se encontra tanto no ano escolhido em que se passa a série quanto nas roupagens do personagem. O que outrora na obra literária pode ser enxergado como uma melancolia dramática, na série ganha outras proporções. O peso da impotência diante a problemáticas sociais para além do sobrenatural e mesmo com tal dom das trevas, ainda assim o nosso protagonista não consegue o mesmo respeito de seu criador. Como a etnia não é uma característica central para a concepção do personagem, adaptá-lo como negro na série aprofunda sua essência, dá mais camadas ao personagem e o torna identificável na contemporaneidade. Entretanto, nem sempre essas alterações são bem vistas pelo público como pontua Ribeiro (2021):

Por uma série de fatores algumas fanbases preferem dar seguimento de forma muito fiel ao canon, enquanto em outras a prática que prevalece é a proposital alteração de características étnicas e raciais (racebending), sexuais (queerbending) e de gênero (genderbending), como é o caso de fanbases slashes e femslash, no intuito de promover, celebrar e reivindicar a pluralidade de existências ausentes nas mídias e trabalhar em nome da representatividade. (Ribeiro, 2021, p. 48).

Desse modo, a série surge para corrigir e ampliar o que já existia na obra. A relação de Louis com sua filha Cláudia se torna uma relação puramente paternal. É apontado diversas vezes inconsistências na história do vampiro pelo seu entrevistador, dando um peso na narrativa dele ao evidenciar o quanto a memória pode ser traiçoeira e parcial dos fatos. O protagonista aqui não apresenta estereótipos raciais, sua negritude é evidenciada, discutida, dissecada e sua visão dos fatos históricos e sua vivência como um homem negro, vampiro e gay é muito bem escrita e fundamentada, ampliando os aspectos implícitos do livro e carregando agora mais estigmas sociais, algo que foge ao controle do nosso protagonista.

O homem negro gay é uma representação pouco vista no audiovisual, por conta do tabu e estigmas impostos a ele, visto em Louis da série, em que muitos momentos ele precisa performar masculinidade, firmeza, por vezes até agressividade e se vestir como os brancos se vestem para ser levado a sério, enquanto o personagem da obra literária não necessita de nada disso, apenas de seu sobrenome. Como pontua Morais (2024) em seu estudo sobre a negritude gay em Imperatriz no Maranhão:

Enquanto a sua identidade negra já estava definida, ele passava por conflitos no que diz respeito a sua identidade sexual. Um ponto muito relevante encontrado no seu depoimento foi quando Daniel disse, conforme suas palavras, “que a exigência da masculinidade negra retirou o direito de ele exercer a posição sexual de passivo”. Interessante notar, nesta afirmação, é que a masculinidade hegemônica exige dos homens negros uma posição sexual viril, e dominatória. Homens negros se sensíveis e afeminados, estão em desarranjo aos acordos da masculinidade hegemônica. Desse modo, homens negros e gays não podem ser passivos, pois o contrato não verbalizado racista da masculinidade hegemônica implica a ideia de que homens negros devem manter um aspecto normativo de virilidade. (Morais, 2024, p. 112).

Por conseguinte, ao adaptar esse personagem tão denso, complexo e sensível quanto o Pointe duLac como negro, é oferecer ao público uma representatividade queer e ao mesmo tempo espaço para diálogo e operar ativamente por meio do audiovisual para a desestigmatização de tal minoria. Assim, ela possui um papel paradigmático na luta contra esses estigmas sociais, bem como ganha um papel político ampliado e simbólico na reconfiguração das narrativas sociais.

Na série, além das diferenças de atitude e principalmente o modo de entender a imortalidade, há também a diferença de ponto de vista sobre o mundo, como aponta Baker (2022):

Apesar de seu recém-descoberto status vampírico, ainda existem pressões opostas enraizadas na raça; Eles não apenas existem, mas são inflexíveis e difundidos. Essas pressões passam por cima da cabeça de Lestat, companheiro imortal de Louis neste ponto da história, e um homem branco e francês. Na verdade, Louis até chama a atenção para o uso da palavra "incipiente" por

Lestat, gritando com ele que "incipiente está começando a soar muito como escravo" Como Daniel interrompe: "Mestre branco, estudante negro, mas juntos no escuro silencioso". Mesmo como vampiro - especialmente como vampiro - o racismo abunda na história de Louis enquanto ele anda na corda bamba entre sua cor e status. (Baker, 2022, tradução automática via Google Tradutor).

Desse modo, a narrativa se encorpa e ganha outras formas de discussão, ainda segundo Baker (2022) que salienta que tanto as roupas que Louis usa, quanto a trilha sonora da série operam para evidenciar quais são os sentimentos evocados por ele naquele momento. Cores vivas e ternos bem cortados antes de Lestat o conhecer e durante o processo de ser apresentado ao mundo vampírico e músicas com violino estridente ou divertido:

Uma vez que ele se vira, Cutshall revela, "nós realmente aumentamos a cor de Louis", vestindo-o de vermelho, azul, branco brilhante. Esse contraste ajuda a sustentar a mudança literal de identidade de Louis, mas também é conotativo de liberdade, vida e exploração recém-descobertas. Seu vampirismo, assim como a moda, é contraditório; Isso permite que ele se alinhe com essa "classe" de elitismo e sensibilidade interna[...] A trilha sonora funciona como um reflexo da emoção externa que Louis sente aqui, enquanto, na realidade, ele ainda está passando por uma transição traumática e um racismo implacável. (Baker, 2022, tradução automática via Google Tradutor).

A reação negativa à escolha de Jacob Anderson (ator negro) para viver Louis em *Entrevista com o Vampiro* (AMC, 2022) reflete também o quanto a nossa sociedade ainda carece de mais mídias que tragam esses personagens à luz. A crítica alegava "infidelidade ao livro", mas não houve a mesma comoção quando outras mudanças estruturais foram feitas (como o recorte temporal da história ou a abordagem homoerótica mais explícita). Isso mostra que a crítica à "coerência" frequentemente mascara um racismo velado. Como aponta Tara Baker (2022), o vampiro negro simboliza a ruptura com a pureza branca idealizada pelo gótico tradicional.

Nesse ínterim, os autores não devem se intimidar com a resposta primária do público, pois com o tempo foi vista a relevância e a profundidade que a série deu a todos os personagens, não apenas ao protagonista. Segundo Fanon (2008, p. 170): "Deveria ser iniciada uma autêntica compreensão da realidade do negro, em detrimento da cristalização cultural." O audiovisual é um recurso e um espaço valioso para se construir narrativas inovadoras, que revolucionam uma geração, então quando falamos do livro e a série, há uma riqueza de detalhes e o modo de tratar essas mudanças que são minuciosas e resultam em uma obra atual, mas sem perder a essência do material original.

Conclusão

A abordagem e desenvolvimento dos personagens é diferenciado na série e o emocional de Louis é dissecado, analisado e encorajado durante os episódios, com um entrevistador mais maduro e interessado em entender todos aqueles acontecimentos com uma sagacidade única, auxiliado por documentos e artefatos que Louis guardou por séculos. Ambos conversam e completam-se integralmente, ainda que o Louis da obra e da série tenham vindo de épocas e classes diferentes, no fim, em essência são lados da mesma moeda, a mesma inquietação e tristeza singulares encontradas nesse personagem que encanta todos os vampiros que o conhecem e estranham seus modos. Como um vampiro resguarda tantos maneirismos humanos? Sua sensibilidade o difere dos outros e nos faz confrontar a nós mesmos.

Para Louis de Pointe du Lac o ponto chave é a reflexão, o questionamento, a rebeldia, algo não muito distante do que é vivenciado pela humanidade. Mas o vampiro, por si só, já é um ser moralmente condenado pelas religiões por conta de sua necessidade de alimentar-se de sangue para viver, a imortalidade o torna indiferente à vida, mas Louis de Pointe du Lac não aceita tal natureza de forma tão imediata. Ele a questiona, a indaga e sua busca por respostas apenas o deprime nessa primeira obra, causando-lhe mais dor e sofrimento, que perdura até na vida após a morte.

O personagem reconfigurado da série de 2022 justifica ainda mais essa tristeza e inquietação tão particulares de sua essência. A opressão e subjugação vivenciados por Louis, tantas vezes, encontram na condenação de sua alma uma forma de redimir-se, ainda que ele falhe. A entrevista para esse personagem tão único nos convida a entender mais dessa figura tão controversa quanto o vampiro, utilizando o vampirismo como forma de expressar a raiva e ter vingança pelos anos de subordinação e subserviência como um humano negro, que outrora não podia revidar.

Com o passar dos acontecimentos, compreendemos que Louis é mais do que sua raiva, ele não é um personagem bidimensional. Ele quer ser ouvido e comunicar aos outros sua história, em posição de protagonismo ele configura-se como um exemplo para reconfigurarmos essas histórias, dar espaço na ficção para papéis de destaque desses grupos sociais. Questioná-los sobre a visão deles dos momentos históricos vivenciados em épocas de opressão, pois eles estavam lá. Eles existiram e resistiram até hoje e por meio da Arte, seja ela literária ou cinematográfica, poderemos conscientizar e empoderar pessoas negras a contarem seus recortes históricos e valorizar suas heranças culturais, identificar os pequenos pensamentos sutis de auto ódio ou falas racistas no seu dia a dia. É importante rompermos com os estereótipos de dócil ou raivoso que há séculos vêm sendo propagados pelas esferas midiáticas e até mesmo na Arte. E para as pessoas não-negras, a série as convida para se sensibilizar e empatizar com esse personagem tão complexo, mas não muito distante do que um ser humano é em essência.

Referências

- BÄR, Gerald. *O vampirismo ou a arte de ver a si próprio*. 2005. Universidade Aberta. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/4166>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- BAKER, Tara. *The Black Vampire: Fashion Icon and Capitalist*. Gallatin School of Individualized Study – New York University, 2022. Disponível em: <https://confluence.gallatin.nyu.edu/context/interdisciplinary-seminar/the-black-vampire-fashion-icon-and-capitalist>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.
- CARDOSO, Joel. CINEMA E LITERATURA: CONTRAPONOTOS INTERSEMIÓTICOS. *Revista Literatura em Debate*, [S. l.], v. 5, n. 8, p. p. 01–15, 2013. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/578.28>. Acesso em: jul. 2025.
- CINEBUZZ. *Adaptação de "Entrevista com o Vampiro" será fiel ao livro, garante produtor*. Disponível em: <https://cinebuzz.com.br/noticias/series/adaptacao-de-entrevista-com-ovampiro-sera-fiel-ao-livro-garante-produtor.phtml>. Acesso em: 3 fev. 2025.
- COUTINHO, Eduardo F, CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. Florianópolis: NUP, 2017.
- DUTRA, Aline da Silva. *O Protagonismo Negro nos Contos de Fadas Modernos*. Florianópolis, 2017.
- EISENSTEIN, Sergei. *Os meus filmes e eu*. 2021. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Imperatriz, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194 p.
- GIL, A, C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- JONES, Rolin (desenvolvedor). *Entrevista com o Vampiro*. Estados Unidos: AMC, 2022–presente. Série de televisão. Disponível em: Prime Video (Brasil). Acesso em: 20 jul. 2025.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MORAIS, Marcos Madjer Souza. *Trânsitos da masculinidade negra à nordestina e o tornar-se negro e gay em Imperatriz/Maranhão*. 2024. 153 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)

– Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Imperatriz, 2024.

NASCIMENTO, Elisa, Larkin (org). *Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

OLIVEIRA, Susan de; GUARIENTI, Franciele (Org.). *Geopoéticas Diaspóricas* [recurso eletrônico]. 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. 163 p. ISBN 978-85-45535-61-4. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/200494>. Acesso em: 20 jul. 2025.

POÉTICA EM BYTES. *O sapateado americano e suas influências africanas*. Disponível em: <https://poeticaembytes.wordpress.com/2020/12/21/o-sapateado-americano-e-suas-influenciasafricanas/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

RIBEIRO, Nayamillet Gonçalves. *Viva la Swan Queen!: a atuação do fandom na formação do sujeito e fanfics como prática cultural*. 2021. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2021.

RICE, Anne. *Entrevista com o vampiro*. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

SARDENBERG, T. S. “Minha história conto eu: a celebração da alteridade em “Entrevista com o vampiro”, de Anne Rice. *Palimpsesto - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, 13(18), 241–251. Recuperado de <https://www.epublicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/34903>.

Data de submissão: 20/06/2025

Data de aceite: 24/07/2025